



VII Colóquio Internacional São Cristóvão/SE/Brasil
"Educação e Contemporaneidade" 19 a 21 de setembro de 2013
ISSN 1982-3657



CONSIDERAÇÕES SOBRE A VIOLENCIA NA UNIVERSIDADE

Maria Cristina Vianna Goulart¹

Maria Thereza Ávila Dantas Coelho²

Suely Aires Pontes³

Eixo temático 6: Ensino Superior no Brasil

Resumo do projeto

Diante da violência presente na sociedade contemporânea, e conseqüentemente, na Universidade, contemporâneos que indicam a sua presença na relação entre discentes, docentes e instituição, e enco universidade pública, para além das atuais propostas de políticas afirmativas. As novas relações de consumo como efeito uma resposta direta, que é conseqüentemente a resposta violenta, muitas vezes. A psicanálise estas relações, pela via da responsabilização em detrimento da vitimização. O indivíduo ao responsabilizar-s mantém a sua condição de sujeito.

Palavras-chave: universidade pública; relação professor-aluno, violência.

ABSTRACT

In the face of this violence in contemporary society, and consequently, at the University, you need to indicate their presence in the relationship between students, faculty and institution, and find ways to face it in to the current proposed affirmative policies. The new consumer relations of the subject with its objects ha which is consequently the violent response, many times. Psychoanalysis proposes a reflection to r accountability to the detriment of victimization. The individual to take responsibility for his actions, in rel subject.

Keywords: public University; teacher-student relationships, violence.

INTRODUÇÃO

Este artigo é resultado de um projeto de mestrado em andamento no programa de pós-graduação em E Universidade, na UFBA, que tem como título original *A Violência nas relações entre os egressos do Bacharelado UFBA, docentes e instituição universitária*. A questão que direciona esta pesquisa é reconhecer a presença docentes e instituição universitária, uma vez que esta está presente explicitamente na sociedade. Portanto,

identificar, as possíveis situações desencadeadoras de violência nas relações entre discentes (egressos dos B Trata-se de uma pesquisa qualitativa exploratória, baseada no procedimento de Estudo de Caso. Os di entrevistas semi estruturadas (LAVILLE & DIONNE, 1999), na busca de uma maior compreensão sobr enfrentadas pelos discentes, docentes e a relação destes com a Universidade.

O artigo propõe abordar as contribuições teóricas pesquisadas até o momento através de uma revisão de discutindo a presença da violência na sociedade, a violência estrutural e simbólica e a perspectiva da Psican são levantadas algumas questões sobre as possíveis formas de violência que permeiam as relações entre alui ensino superior, que nortearão a discussão dos dados desta pesquisa.

REVISÃO DE LITERATURA

Universidade e Violência

A Universidade, enquanto instituição de ensino superior, não pode ser pensada fora das implicações das econômicas, tecnológicas e culturais. Os efeitos destas transformações denominadas sociais refletem inevit um todo. As relações na Universidade também são permeadas pelas transformações sociais e sofre seus citar o caso de um estudante de enfermagem atacou violentamente uma professora, após ser informado quebrar-lhe os dois braços e também alguns dentes. Foi preso e julgado, sendo condenado a dez anos e se do Sul por agredir a professora com cadeiradas e socos. (FOLHA DE S. PAULO, 2011).

Não são apenas os alunos que são autores dessas situações. Na noite do dia 16 de março de 2011, na Escola jovem Eduardo Nunes, 27, foi agredido verbalmente e fisicamente pelo professor alemão (aposentado) Edwa que também é coordenador geral do Diretório Acadêmico da Escola (DA), o caso aconteceu durante a realiza alunos veteranos. O jovem agredido prestou queixa na 1ª Delegacia Civil, nos Barris, e denunciou o profes moral e física. (CORREIO NAGO, 2011)

Para ilustrar um exemplo de violência nas relações entre discentes e a Universidade, relatarei um caso oc supervisora clínica do Programa de Residência em Psicologia Clínica e Saúde Mental da SESAB/UFBA/HJM d uma situação muito peculiar de um universitário da UFBA, quando este frequentou um determinado Centro capital. O jovem baiano nasceu e cresceu numa zona rural do Estado. Com acesso a cotas, ingressou na UFB onde morar. Buscou uma vaga na Residência Universitária, no Corredor da Vitória. Sua condição econô deslocamento para a Universidade, todos os dias, era a pé. Nesse percurso, foi atropelado. Passou a and quebrada. Assim não podia mais ir a pé para a Universidade. Solicitou da instituição universitária apoio finan Sucessivas negativas ocorreram. Revoltou-se com a situação, invadiu a reitoria e agrediu o vice-reitor, deferi

Devemos considerar que atos físicos e/ou verbais, não ocorrem sem antecedentes nas relações. Assim instituições de ensino superior entre os discentes e docentes

No que se refere às Universidades Públicas, não se encontra notícias publicadas sobre atos agressivos de di encontramos nas universidades e faculdades privadas. Mas não podemos supor que estes não ocorram um também está inserida dentro da sociedade. É preciso que a universidade pública esteja preparada par situações e oferecer respostas compatíveis de prevenção e resolução dos conflitos e violência universitário (4

Segundo Almeida Filho (2012) "o campus é um campo", portanto o campus é também um campo de pes estudantil deve tornar-se um objeto de estudo, que configure sujeitos e que necessita de um espaço concret identificar os contextos de construção dos temas de investigação, configuração em objeto e a própria especifica manifesta na pesquisa sobre a Universidade, sobre seus habitantes, sobre o quê e quem configura espaços na universidade.

Isto implica em reconhecer que são múltiplos os contextos no campo institucional da formação de conhecim de produção intelectual e social. Conforme ressaltou Almeida Filho "reconhecemos ainda um contexto social que a universidade se encontra na sociedade, a universidade faz parte da sociedade, e universidade, de alg do processo de reprodução social" (ALMEIDA FILHO, 2012,p.62). Nessa direção necessitamos compreender o

compreender a história da instituição universitária, como base para analisar sua inserção atual, seus limites e possibilidades. O contexto político faz parte da vida humana e não se pode pensar a vida social sem a política.

Vida Contemporânea e juventude universitária

Contextualizando a prevalência da violência na contemporaneidade vejamos um comentário publicado que permanece atual:

Todos sabemos que a violência tornou-se o fermento da inquietação cotidiana. Num recente estudo buscou traçar um perfil da violência urbana no Brasil. O resultado é espantoso: "violência contra a mulher; violência no trânsito; violência da escola e da cultura; violência das discriminações; violência nos serviços de saúde; violência policial; violência contra o patrimônio". A listagem poderia prosseguir, obrigando a invadir todas as áreas da vida de relação do indivíduo: relação com o mundo das coisas, com o mundo da sua mente (COSTA, 1986, p. 9).

São diversas e, com frequência, contraditórias, as tentativas de apreender a violência tal como ela emerge no fim do século XX. Ao adentrarmos no século XXI, encontramos vários autores estudando os novos paradigmas da sociedade do espetáculo proposto por Guy Debord, a hipermodernidade proposta por Lipovetsky, a pós-modernidade de Bauman, a relação tempo e espaço por Giddens e David Harvey.

Não há como negar que a vida nos últimos 40 anos mudou significativamente. As transformações econômicas e as relações entre o Estado, a sociedade e o indivíduo, tornando-as mais democráticas. Isso não representa problemas resolvidos ou desaparecidos, mas que vivemos uma "nova" sociedade, outra realidade e tecnologia e a produção do saber.

Como escreve Boaventura Santos (2012, p.8), "we face modern problems for which there are no modern solutions in this same logic, specifically when we talk of higher education. It is necessary to resignify the forms of university, in contemporaneity. The reforms that are occurring in Universities need to be designed in light of the effects of transnationality.

É possível perceber que ser jovem na contemporaneidade é diferente que na década de 60. Os parâmetros de referência são os mesmos com a democratização das relações dos jovens com as instituições de ensino. Conforme Harvey (2000) as contemporâneas trouxeram múltiplas consequências para as maneiras pós-modernas de pensar, sentir e agir:

a) o acento na volatilidade e efemeridade seja de ideias, valores, trabalho, produtos, ideologia, moda, instantaneidade nos alimentos, nas refeições; c) a descartabilidade nos estilos de vida, nos relacionamentos, d) o bloqueio dos estímulos sensoriais; e) a negação e o cultivo da atitude blasé; f) a especialização e a fragmentação do planejamento de longo prazo; h) a manipulação do gosto e da opinião.

Nesse processo, Milton Santos (2001) nos aponta para a necessidade de compreender o funcionamento atual da produção de informação, com a publicidade, a violência, a competitividade e a transformação na noção de espaço que existia anteriormente, nas relações sociais, foi substituída pela competitividade desleal. A guerra de convivência entre as pessoas, eliminando toda forma de compaixão e impelindo o indivíduo, a todo custo, para tomar o seu lugar. O autor ressalta, com base nesse processo, o individualismo arrebatador que com a perda de influência da filosofia na formulação das ciências sociais em geral, o abandono da solidariedade e do emprego, gerando uma violência estrutural (SANTOS 2001).

Violência estrutural

"O conceito de violência estrutural oferece um marco à violência do comportamento, se aplica às instituições institucionais da família como aos sistemas econômicos, culturais e políticos que conduzem à exclusão de quem se negam vantagens da sociedade, tornando-as mais vulneráveis ao sofrimento e à morte. Igualmente as práticas de socialização que levam os indivíduos a aceitarem ou a infligirem sofrimento e a desempenharem papéis que desempenham." (MINAYO e SOUZA. 1998. p. 517).

A desigualdade social em nosso país é uma das maiores do mundo. Para além da exclusão social, ela marca a vida, nas práticas de risco, uma oportunidade para se sentirem incluídos no único mundo apresentado com prazeres sem limite. Tais práticas, por outro lado, remetem-nos, inevitavelmente, ainda mais à permanência

Nessa perspectiva, é possível compreender que não se pode reduzir a violência ao crime e à delinquência individual para sua existência, pois o fenômeno da violência é um produto da história (Engels, 1976). Deve-se analisar as relações socioeconômicas, políticas e culturais específicas, cabendo diferenciá-la no tempo e no espaço. Ela tem caráter revelador de estruturas de dominação e surge como expressão de contradições entre os que se rebelam contra a opressão (MINAYO e SOUZA, 1998).

Os elementos da violência estrutural são a ausência de infraestrutura e planejamento urbano dos bairros periféricos; a presença de ações policiais; péssimas escolas com baixa qualidade de ensino, o que por si só impede postos de saúde sem médicos, leitos e remédios; oferecimento insuficiente de defensoria pública, etc.

Esta forma de violência é na verdade o protótipo de todas as outras configurações da violência e, justamente as diárias de instituições consagradas por sua tradição e poder, na maioria das vezes não é contestada. Compreendê-la como uma manifestação de violência, mas sim como pura e simples incompetência de governo (MOREIRA, 1999). Numa sociedade de democracia aparente, que é o lugar da violência estrutural, subsistem os direitos (MINAYO, 1994). Em determinados momentos, certos interesses das classes exploradas são sacrificados, acreditando que estão atingindo seus direitos e de arrefecer seus ânimos exaltados. Dessa forma, mantêm-se as violências a que são diariamente e estruturalmente submetidos. Mesmo sem tal conscientização, ou exatamente sofrem os efeitos dessa violência estrutural a partir dos mecanismos pelos quais o Estado, em seu diferente acesso da grande maioria da população aos direitos básicos.

Especificando nosso foco, podemos citar a violência nas escolas públicas, nas relações entre os alunos, professores e a mídia como se os jovens fossem "simplesmente" violentos, como se o sistema de ensino no Brasil fosse eficiente de todas as formas, seja na preservação dos espaços físicos, na remuneração dos professores, na gestão da escola, os professores, alunos e as famílias permanecem num estado de alienação, "indiferentes" à violência. A Universidade pública também não se torna participante e sujeito desta violência estrutural na medida que se trata do ensino médio. Como entender a presença da violência nos contextos educacionais? De que forma e modos de atuação entre docentes e discentes?

Violência Simbólica

Os autores, Pierre Bourdieu e Jean-Claude Passeron formularam a "Teoria da Reprodução" e construíram a teoria. Para eles, toda ação pedagógica é objetivamente uma violência simbólica enquanto imposição de um modelo de educação, pois toda ação pedagógica é uma forma de violência simbólica, que reproduz a cultura vigente e as regras e convenções, impondo um modelo de socialização que favorece a reprodução da estrutura das relações na sociedade. (BOURDIEU, 1992).

A raiz da violência simbólica estaria deste modo presente nos símbolos e signos culturais, particularmente a autoridade exercida por certas pessoas e grupos de pessoas. Desta forma, a violência simbólica nem sempre ocorre muitas vezes como uma espécie de interdição desenvolvida com base em um respeito que "naturalmente" se estabelece (BOURDIEU, 1992). Como exemplo, podemos citar a atitude professoral, a qual pressupõe o uso legitimado do poder aos alunos (como reprovações, formas indiretas de exclusões e castigos), quando não se enquadram nos moldes

A Universidade contemporânea, no Brasil, é concebida como a instituição que oferece igualdade de oportunidades por ela passadas. No entanto, os universitários competem em condições desiguais de acesso às posições superiores com as ações de políticas como o PROUNE, das Cotas e dos Programas de Ações Afirmativas.

A ideia de que a universidade seja o lugar promotor das oportunidades de sucesso intelectual e, portanto, através da tese da meritocracia escolar. Os estudantes, uma vez inseridos na educação formal e expostos aos ensinamentos acadêmicos, teriam seu desempenho educacional devido ao merecimento individual de cada um. O ensino comporiam um sistema imparcial, difusor de um conhecimento lógico, objetivo e transmitido de

discente, cabendo a cada estudante zelar pelo seu desenvolvimento intelectual.

Assim a universidade é tida como neutra, racional e distribuidora de oportunidades de ascensão social. A ela os "abismos sociais" das distâncias entre as classes econômicas, além de contribuir para a superação do atraso de manipulações ideológicas. O triunfo escolar é alardeado como chance de ascensão, sobretudo para a meritocrática e de acesso democratizado, a instituição de ensino universitário seria o ambiente onde os padrões tradicionais são rompidos e a emancipação de segmentos subalternos se mostra possível, conforme atesta a educação vai salvar este país!" e "se você quer um emprego melhor, vá para a faculdade".

As instituições de ensino potencializam desníveis sociais entre os discentes de origens distintas, porque o currículo avaliado de forma homogênea, tende a encontrar assimilações diferenciadas entre os alunos, conforme as posições na estrutura social. Desse modo, a questão sobre a qual Bourdieu(1992) se debruça é: como seria possível desfeito das formas padronizadas de ensino e da avaliação por que passam os estudantes. Através de pesquisas com estudantes do sistema de ensino francês na década de 60, conjugada a uma ampla documentação qualitativa escolar está mais fortemente associado aos segmentos populares do que às camadas médias, por exemplo, as desigualdades sociais e desigualdades escolares, isto é, as posições mais privilegiadas do sistema de ensino (bem remunerados e de maior status) tendem a ser ocupadas por indivíduos pertencentes a classes sociais mais econômicas, ao passo que a tendência ao fracasso social é associada às classes dominadas.

A situação da França, nos anos 60, não difere muito da contemporaneidade brasileira. Conforme notícia publicada no INFOENEM, verifica-se que após a aprovação do Senado e sanção da Presidente Dilma Rousseff da lei que garante a estudantes oriundos de escolas públicas que ingressem nas universidades e institutos federais, o Ministério de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (Seppir) promulgaram um pacote de medidas para assegurar a permanência nas instituições.

O objetivo desse pacote de medida foi oferecer aos estudantes cotistas benefícios como o pagamento de passagens, muitos têm dificuldades de se sustentar na Universidade, seja por necessidade de trabalhar, dificuldade de alimentação ou falta de recursos para comprar livros e instrumentos necessários para o curso. Os valores do auxílio 400 reais e os alunos cotistas receberam R\$ 110 para auxiliar na aquisição de material didático.

Segundo notícia, publicada, no Portal do Enem (2012), podemos verificar que são inúmeras as dificuldades acadêmicas e o governo federal necessita elaborar estudos oficiais para monitorar a situação dos mesmos. A ideia democrática das Cotas como reparação social para as classes desfavorecidas pelo governo federal ao se colocar como agente promotor de igualdade social, não formulou estudos de acompanhamento dos ingressos cotistas e seus impasses de permanência nas Universidades Federais e Privadas. O acompanhamento destes cotistas no ingresso no mundo do trabalho, podendo, desta forma, causar a impressão de que a graduação eliminará ou reduzirá a diferença entre as classes sociais no Brasil.

Mais recentemente, depois de dez anos que a Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj) passou a garantir a permanência de estudantes afrodescendentes e de baixa renda em seu vestibular, cotistas matriculados na instituição relataram dificuldades diante da bolsa-auxílio para variados custos e transporte que é paga. De acordo com alunos ouvidos que foi reajustado recentemente, ainda é baixo e insuficiente para garantir a manutenção na universidade, sem contar com outra fonte de renda. Mesmo assim, a estudante de Ciências Sociais, Ester da Silveira, ressalta que não conseguiu o financiamento dado pela Uerj. Antes de ingressar em 2011 pelo sistema de cotas, ela tentou chegar à universidade pelo sistema tradicional. (Notícia do Terra, maio de 2013).

Será que a bolsa-auxílio e o auxílio para aquisição de material didático resolvem todas as dificuldades enfrentadas pelos cotistas na Universidade? As diferenças culturais e sociais ficam reduzidas significativamente em consequência dos auxílios universitários? A evasão universitária tão significativa?

Num contexto social no qual os indivíduos são hierarquicamente dispostos por classes sociais, a cultura escolar, à consolidação da cultura legítima (difundida e certificada pela escola) corresponde à cultura da classe dominante. A cultura sustentada pelos segmentos superiores. propõe Bourdieu(1992), que a cultura escolar, socialmente legitimada, é a cultura determinada como legítima pelas classes dominantes e instituições, portanto

invisível aos discentes e docentes.

Não podemos deixar de pensar que violência simbólica tem efeitos psicológicos nos sujeitos, sejam nos dias em que poderemos enfrentar a violência presente no sistema universitário

A violência na perspectiva da Psicanálise.

O bebê humano, ao nascer, é completamente vulnerável e dependente. Na argumentação do desamparo surge a ideia de que o sujeito necessita criar a ilusão de alcançar a comunhão com o cosmos, inscrita na sensação de tentar evitar, assim a experiência de desamparo, uma espécie de busca da segurança paterna imaginária. Essa busca da harmonia entre os interesses do sujeito e os da sociedade, o que fundamenta o desamparo como condição humana vai evitando "as três fontes de que nosso sofrimento provém: o poder superior da natureza, a fragilidade e a inadequação das regras que procuram ajustar os relacionamentos mútuos dos seres humanos na família, na cultura e na sociedade" (Freud, 1930.p.105).

Driblar e superar a natureza, suportar os limites do corpo e conviver em sociedade, se submeter às suas exigências, tolerar a presença do outro, que diverge de seus interesses, dividir espaço, são questões diárias a serem resolvidas através do princípio do prazer (5) e o princípio da realidade (5). Freud(1915) demonstra que o homem é pulsionalmente agressivo, em razão de seus desejos inconscientes. Ou seja, as maiores dificuldades de mediação das relações com o outro.

Assim, é através das relações sociais mediadas pela violência, expressas nos índices atuais dos acidentes e dos crimes, que esse desamparo é legitimado pelas instituições públicas e privadas, inclusive as de educação superior, tornando-se expressivo na contemporaneidade. Portanto, os sujeitos encontram-se, de certa forma, à própria sorte, sendo excluídos (da moradia, da terra, do emprego e do mundo digital, etc) basicamente os principais determinantes de sua existência.

Em sua configuração atual, a sociedade permite, e até mesmo promove, o acontecimento de uma certa falência dos ideais. Transportando a ideia de desilusão de Freud (1915) para uma análise da sociedade contemporânea, a deflagração de uma crise social, caracterizada pela magnitude das manifestações da violência estrutural, consiste na priorização exacerbada das satisfações individuais em detrimento das coletivas, provoca a desilusão dos sujeitos.

Consideramos, a partir da afirmação de Freud (1930), que cada pessoa precisa aprender a própria limitação intrínseca ao humano, que os sujeitos têm possibilidades de reação a esta condição. Porém, levando em consideração a violência estrutural e os seus efeitos na vida dos sujeitos, a possibilidade de escolha ou até mesmo da existência de alternativas de tal situação é cruelmente restrita.

Freud ,em1930, já anuncia a crítica ao hedonismo que florescia naquela época. Este hedonismo dominava o sofrimento humano de qualquer sentido. Assim, anunciava a estratégia atual de fabricação do "sujeito que sofre em objeto descartável. Desse modo, a falta de sentido no sofrimento faz com o mesmo seja visto como um objeto descartável" (VERAS, 2013).

Tomemos, como exemplo, o rapaz que invadiu a escola municipal Tasso da Silveira, em Realengo, na zona norte do Rio de Janeiro, em 2011. Wellington Menezes de Oliveira, de 23 anos, atirou contra alunos em sala de aula, foi atingido pela polícia, suicidou-se em seguida. (GLOBO NOTÍCIAS.10.04.2011). O atirador disparou várias vezes contra a oitava série, com 40 alunos, no primeiro andar. Mais de 400 jovens estudam no local, em 14 turmas (GLOBO NOTÍCIAS,07.04.2011).

A invasão desta escola municipal no Rio de Janeiro por um atirador fez internautas brasileiros compararem o caso com o "Columbine", nos EUA, em 1999. Na época, dois estudantes de uma escola no Colorado atiraram contra os colegas em uma escola secundária e provocaram a morte de 13 pessoas. Na ação em Columbine, os estudantes Eric Harris, 18, e Dylan Klebold, 19, mataram dois estudantes e um professor antes de cometerem suicídio.

Segundo a investigação do caso, o ódio e o desprezo pelos companheiros foram apontados como uma das principais causas da violência.

estudantes a executar, há sete anos, o maior massacre numa escola na história dos Estados Unidos. A falta de sentido da ação dos dois jovens, mas foi incapaz de reconhecer sua cumplicidade no crime. (VERAS,

Assim, podemos nos perguntar como é possível uma sociedade, que vive permanentemente se armando (câmeras de segurança) para uma possível abordagem de ataque ou assalto ficar tão espantada com a chacota pelo jovem brasileiro como pelos dois adolescentes americanos. A impossibilidade e a perplexidade das motivações que estão em destaque no contexto social violento sugerem o sintoma dessa cultura. O indivíduo moderno marca a cultura regida pelo universo do consumo, trazendo a dificuldade moderna em separar a autonomia, preconizando a maximização da felicidade mediante a minimização do sofrimento.

A falta de referência, de transmissão de valores, leva o sujeito a ter que inventar suas próprias soluções. A falta de outro se dá, paradoxalmente, pelo ato de ruptura, pela violência, que constituem o modo pelo qual o sujeito (Mezêncio, 2009).

Desta maneira, percebemos na atualidade o lugar dominante do objeto, que se impõe aos sujeitos desorientados ou virtuais, e usuários potenciais do mesmo. Isso indica a predominância do gozo pulsional (6), individualista, um declínio do ideal e um imperativo de gozo que se traduz por um estilo de vida dominado pelos contemporâneos.

O declínio do pai na contemporaneidade tem como consequência a diluição da lei e dos ideais morais. A quebra de uma fusão, para uma ausência de intervalo entre o sujeito da contemporaneidade e os objetos que lhe são oferecidos à disposição para seu puro gozo, sem que seja necessário passar pelo desejo, como se não houvesse encontrado. Aqui fica fora de questão a questão de que é, justamente, a recusa da demanda que produz insatisfação.

A quebra da hegemonia da regulação do gozo via função paterna levaria hoje à pretensão de eliminar tudo. Podemos esquecer, sempre foi uma promessa do capitalismo e da ciência. Aliás, o discurso capitalista é baseado em pulsões pela oferta compulsiva de objetos, criando necessidades e ofertando-se para tamponá-las (Lacan, 1978). A sensação de que se pode viver sem falta, como se pudéssemos ter tudo na vida, sem faltas, sem frustrações:

Assim, a resposta violenta, diretamente sobre o outro, é a possibilidade de responder ao imperativo "goza" e "ter". Portanto, cada ato violento, expresso em reações, palavras ou omissões, nas relações entre discentes e universitária, na contemporaneidade corresponde diretamente ao imperativo de gozo, que não mais é meramente simbólica.

Considerações finais

A violência é estrutural para Freud. Conforme sua metapsicologia, é uma manifestação da pulsão de morte, ou como pulsão de destruição, conseqüentemente inerente ao sujeito e presente desde a origem da vida. A violência vivida como sintoma de um tempo em que a queda dos ideais e o estabelecimento de um modo de vida volúptuosos geram efeitos de segregação sem precedentes.

A resposta violenta nas relações entre discentes, docentes e instituição de ensino faz parte deste mundo corrompido. O sujeito se percebe barrado no seu imperativo de gozo, sem o reconhecimento da existência do outro, reafirmados anteriormente. Nas escolas públicas de ensino médio, por exemplo, o Conselho Tutelar tenta mediar conflitos entre professores e estudantes. Geralmente o resultado é insatisfatório. Ninguém está satisfeito com tal mediação permanecem.

No ensino público superior, temos as políticas afirmativas, as cotas, as residências universitárias, os recursos humanos, programas de apoio financeiro e inclusão. Serão estes programas suficientes para mediar estas relações segregatórias que geram mais respostas violentas?

Na atualidade, será que o docente se percebe como agente também da violência estrutural e psicológica? Quando ele representa o sistema de ensino público, ele é agente participante da manutenção da política instituída. E que pode perpetuar o ciclo da violência. Quais são as possíveis soluções para isso?

Diante de tais questões, a psicanálise propõe uma outra forma de articulação. Através do que faz laço social, posiciona na vida, podemos antecipar uma resposta às diversas formas de segregação que impõem numa sociedade ações de inclusão mascaram o mal-estar.

Laurent (2007) nos alerta que o sujeito contemporâneo gostaria de se isentar de seus deveres para obter ser direitos ao gozo. A lógica de que todos somos iguais e, portanto todos temos direitos iguais desconsidera as do sujeito humano, fazendo com que cada um busque culpabilizar o outro. A Universidade nem cumpre e suas implicações com a aprendizagem dos alunos, os discentes nem sempre estudam e fazem adequadamente os culpabilizando uns aos outros.

Acreditamos que a responsabilização e a não vitimização é a contribuição da psicanálise para a orientação de que possam fazer valer o direito do cidadão e a dimensão da sua responsabilização. Ou seja, oferecer al direitos, direcionadas à sua subjetividade, e, ao mesmo tempo, possibilitar que este escolha as alternativa passam a ser responsabilidade dele, assim como as suas consequências. Estatarefa nada fácil, mun tem prevalece como sustentação o imperativo de gozo: você merece, você tem direito...não importa como....

REFERENCIA:

ALMEIDA FILHO, N. O campus universitário como campo (de pesquisa). IN: Observatório da vida estudantil universitárias. Georgina dos Santos; Sonia Maria Rocha Sampaio (Org.). Salvador: Edufba, 2012.

BOURDDIEU, P. O Poder Simbólico, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992.

COSTA, J. F. Violência e psicanálise. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1986.

CORREIA NAGÔ. Jovem é agredido pelo professor na Escola de Teatro da UFBA. 16 de maio de 2011. <http://correionago.ning.com/page/o-correio-nago>

ENGELS, F. A situação da classe trabalhadora na Inglaterra. São Paulo: Global, 1976.

FOLHA DE S. PAULO. Estudante de enfermagem ataca violentamente a professora. Caderno Cotidiano, 16 de maio de 2011. <http://www.publicidade.folha.com.br/web/fspCadernoCotidiano.jsp>

FREUD, S. (1915). Reflexões para os tempos de guerra e morte. In Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v.XXI, 1972.

_____. (1930). O Mal estar na civilização. In Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

GI.COM.BR.

<http://g1.globo.com/Tragedia-em-Realengo/noticia/2011/04/policia-divulga-nome-e-idade-de-oito-vitimas-d>

HARVEY, D. Condição Pós-Moderna. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

INFOENEM. Governo lança um pacote de medidas para cotistas. Portal do Enem. Setembro de 2010. <http://www.infoenem.com.br>

LACAN, J. O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1992.

LAVILLE, C.; DIONNE, J. A construção do saber. Manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Belo Horizonte: UFMG/ArtMed, 1999.

LAURENT, E. Dois aspectos da torção entre sintoma e instituição. In: Pertinências da psicanálise na Universidade, 2007.

MEZÊNCIO, M. A questão da violência e o papel das políticas públicas. In: Coringa. Belo Horizonte: Escola de Comunicação, n.28, junho de 2009.

MINAYO, M. C. de S. A violência social sob a perspectiva da saúde pública. Cadernos de Saúde Pública, n. 10,

MINAYO, M. C. de S. e SOUZA, E. R. Violência e saúde como um campo de interdisciplinar de ação colet Manguinhos, IV (3), pp. 513-531, fev. 1998.

NETO, O. C. e MOREIRA, M. R. A concretização de políticas públicas em direção à prevenção da violência es V. 4, n. 1, pp. 33-52, 1999.

NOTÍCIAS.TERRA.<http://noticias.terra.com.br/educacao/rj-10-anos-apos-cotas-alunos-pedem-mais-ajuda-financeira,b69278967fb5e310VgnVCM5000009ccceb0aRCRD.html> .Maio, 2013.

SANTOS, BOAVENTURA de S., "The University at a Crossroads", Human Architecture: Journal of the Sociology Winter 2012, 7-16.

_____. A Universidade do século XXI: Para uma reforma democrática e emancipatória da Universidade. Ec 23, 2005.

SANTOS, M. Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record

UOLNOTICIA. Ataque em Realego. Disponível <http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimasnoticias/2011/04/07/homem-invade-escola-publica-e-dispara-con>

VERAS, MARCELO. Alteridades lacanianas, a violência entre o outro e o objeto. IN:MACHADO, Ondina M. R, violência social: sintoma social da época. Belo Horizonte: Scriptum Livros, 2013.

¹Mestranda em Estudos Interdisciplinares sobre a Universidade - UFBA, Estudante Participante do Núcleo Saúde, Violência e Subjetividade – SAVIS; Mestre em Família na Sociedade Contemporânea-UCASL, Docen Curso de Psicologia da Faculdade do Santíssimo, Alagoinhas-Ba, Coordenadora do Serviço de Psicologia e da Especial Criminal do Largo do Tanque em Salvador, email: crisgoulart99@gmail.com

²Doutorado em Saúde Pública – ISC/UFBA, Coordenadora do Núcleo de Estudos Interdisciplinares em Sa SAVIS, Professora Permanente do Mestrado Estudos Interdisciplinares sobre a Universidade - UFBA, email: th

³Doutorado em Filosofia da Psicanálise (UNICAMP), Professor Adjunto do CAHL/UFRB, Atua nos grupos de P Subjetividade e Cultura (líder) (CCS/UFRB), e-mail: suely.aires7@gmail.com

4.Violência universitária e a denominação que estarei utilizando para falar violência que ocorre entre universitário, para diferenciar da violência na escola.

5. Princípio do prazer e Princípio da realidade. Par de expressões introduzido por Freud em 1911, a fim de regem o funcionamento psíquico. O primeiro tem por objetivo proporcionar prazer e evitar o desprazer, segundo modifica o primeiro, impondo-lhe as restrições necessárias à adaptação à realidade externa. Psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1998.

6. Gozo pulsional. Inicialmente ligado ao prazer sexual, o conceito de gozo implica a ideia de uma transgressão irônica. Assim há uma distinção essencial entre o prazer e o gozo, residindo esta na tentativa permanente (p do princípio do prazer.